



Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/09/2025 | aceito: 09/09/2025 | publicação: 11/09/2025

Narrativas biográficas sobre a construção de si como estudante de Pedagogia em mobilidade geográfica

Biographical narratives about the construction of oneself as a Pedagogy student in geographic mobility

Isabel Oliveira – Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

E-MAIL: belcrysos@hotmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa de doutorado em educação, realizada no Campus.A.C.Simões da UFAL, em Maceió/AL, durante os anos de 2018 a 2023. O estudo correspondeu aos processos de construção de si como estudantes universitárias de três jovens/mulheres em mobilidade geográfica diária, por meio de entrevistas narrativas com viés biográfico. Cada entrevista aconteceu separadamente, sendo dois encontros com cada estudante, perfazendo um total de seis entrevistas. As jovens elaboraram uma história de sua formação. Nesta, as condições do transporte para o deslocamento foram tomadas como desafio a ser superado. O longo tempo de espera do transporte, sobretudo, a quebra do veículo em períodos chuvosos, bem como a falta de rede de apoio em Maceió não apareceram nas narrativas com o mesmo grau de importância. Assim, evidenciou-se que ser estudante universitária em mobilidade geográfica diária perpassa um contexto de desafios similares, mas, também, um processo construtivo experiencial e não linear, marcado por aprendizados intelectuais e subjetivos que implicam no grau de envolvimento do sujeito com os estudos. Por fim, identificou-se a importância de incrementar a matriz curricular do curso de Pedagogia, propostas formativas pautadas na relação biográfica com as aprendizagens. Considero que tais espaços podem contribuir para viabilizar a reflexividade e a articulação dos saberes com o mundo real.

Palavras-chave: Entrevistas narrativas. Estudantes universitárias. Jovens mulheres. Mobilidade geográfica diária.

Abstract

This paper presents the results of a doctoral research project in education conducted at the A.C. Simões Campus of UFAL, in Maceió, Alagoas, from 2018 to 2023. The study focused on the processes of self-construction as university students of three young women engaged in daily geographic mobility, through narrative interviews with a biographical bias. Each interview was conducted separately, with two meetings with each student, for a total of six interviews. The young women developed a story about their development. In this interview, transportation conditions were considered a challenge to be overcome. The long wait times for transportation, especially the breakdown of the vehicle during rainy periods, as well as the lack of a support network in Maceió, did not appear to the same degree of importance in the narratives. Thus, it became clear that being a university student engaged in daily geographic mobility encompasses a context of similar challenges, but also a constructive, experiential, and non-linear process, marked by intellectual and subjective learning that influences the individual's level of engagement with their studies. Finally, we identified the importance of enhancing the Pedagogy course curriculum, with training proposals based on the biographical connection to learning. I believe such spaces can contribute to enabling reflexivity and the connection of knowledge with the real world.

Keywords: Narrative interviews. College students. Young women. Daily geographic mobility.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/09/2025 | aceito: 09/09/2025 | publicação: 11/09/2025

1 INTRODUÇÃO

O caminho da pesquisa teve como *escopo* as jovens estudantes de pedagogia em mobilidade geográfica diária ao Campus A. C. Simões da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em Maceió/AL. A problemática se apresenta na seguinte pergunta: Como analisar no marco das narrativas biográficas de três jovens, a construção de si como estudante de pedagogia em mobilidade geográfica diária? A três participantes, cursavam o último período. Para isso, parti do pressuposto de Alain Coulon (2008) de que, por estarem há mais tempo na universidade, se apropriaram dos códigos e dos comportamentos característicos do cotidiano acadêmico, tornando-se, assim, afiliadas. Em virtude da extensão e profundidade da pesquisa, esta comunicação partilha somente os resultados da entrevista narrativa de uma participante (feita em dois encontros pelo *google meet* devido a pandemia), codinome Violeta.

Delory-Momberger (2008, p. 526), afirma que a finalidade da entrevista está em apreender “a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá a sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular e social”. No âmbito da pesquisa, o grupo pode até compartilhar situações similares; contudo, para cada um/a o processo é particular. Fritz Schütze (2010), orientando quanto ao proceder na realização da entrevista, dizendo sobre a apresentação do/a narradora/a, posteriormente o desenrolar da própria narrativa sobre os aspectos pretendidos com a entrevista. Isso devendo acontecer sem a interferência do/a pesquisador/a. Por fim, a fase das respostas argumentativas, as quais são dadas em virtude das inquietações levantadas pelo/a pesquisador/a.

Inspirada nos respectivos teóricos, o primeiro encontro foi iniciado com a exposição dos objetivos da pesquisa e convidei a visualizarem algumas fotografias dos espaços que compõem o Campus A. C. Simões, da UFAL, para ativar memórias de um lugar no qual estavam reclusas há mais de um ano. Após o olhar sobre as fotografias, a entrevista foi iniciada. Pedi a cada uma que falasse sobre si e descrevesse suas trajetórias na universidade. Quando finalizada a entrevista, retomei alguns trechos para que eu pudesse compreender de maneira mais efetiva o que elas decidiram partilhar.

O segundo encontro foi iniciado com autorreflexões sobre a narrativa do primeiro encontro, encaminhada via *e-mail*. Guiadas pela pergunta “como foi para você ler sua história”, as estudantes informaram suas impressões, retirando e colocando outros fatos. Esse momento é reconhecido por Reis (2020) como de “restituição biográfica”. Finalizada a retomada, parti para o objetivo central do segundo encontro, acordado com cada participante na entrevista anterior: a partilha de fotografias de seus percursos acadêmicos que foram selecionadas após a leitura das narrativas lidas. As fotografias serviriam para mostrar situações contadas ou compartilhar momentos que não foram contados no

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/09/2025 | aceito: 09/09/2025 | publicação: 11/09/2025

primeiro encontro, isto porque, ao visitar seus acervos, outros episódios entraram em cena. Cada jovem selecionou, no máximo, 10 fotografias de sua preferência.

A longo prazo, ficou mais evidente a meticulosidade envolta da entrevista narrativa, portanto durante a transcrição do material, com base em Delory-Momberger (2008), identifiquei as experiências marcantes, também chamadas por Fritz Schütze (2010) de marcadores frequentes nas narrativas, ou seja, unidades de apresentação. Em outras palavras, significam situações e pessoas que aparecem fortemente na narrativa e que dão sentidos ao processo de ser estudante. Logo depois, as formas de discurso que caracterizam a narrativa, os motivos recorrentes que tematizam e organizam o relato, agindo nele como lugar de reconhecimento e chave de interpretação da experiência.

Tendo em vista o caminho da pesquisa, antes de apresentar a análise de uma participante, trago alguns conceitos fundamentais.

2. JOVENS MULHERES QUE SE DESLOCAM DIARIAMENTE PARA ESTUDAR

Parto da concepção de juventudes como categoria relacional e social, emaranhada aos condicionantes biológicos, sendo impossível uma definição precisa, podendo ser compreendida, nas palavras de Reis (2020, p. 33), “enquanto coletividades e/ou sujeitos singulares/sociais com suas relações com o mundo, com os outros e consigo mesmos e como sujeitos de direitos”. No caso das jovens em mobilidade diária que se deslocam de cidades circunvizinhas a Maceió/AL para estudar no Campus A.C.Simões, lidam com demandas das estruturas sociais, identificadas: assédio, violência, maternidade, trabalho, afazeres domésticos, além de participar paralelamente da dinâmica da vida acadêmica. Tal contexto reverbera um empenho possível por sua própria condição juvenil, chamada pelos pesquisadores Margulis e Urresti (1996) de moratória vital. Tomando os identificadores mencionados, na pesquisa, a concepção de juventudes está associada às relações de gênero.

Considerando esse pressuposto, as relações de gênero aparecem marcadamente como implicador do decurso da formação acadêmica, indicando, conforme Margulis e Urresti (1996), que as jovens, diferente dos jovens, lidam com pressões sociais que afetam sua juvenilização, além das imposições sociais que tendem a recordar a limitada juventude instalada em seu corpo, com vista à maternidade. Destarte, ser jovem, mulher e estudante se apresenta de maneira mais complexa e desafiadora.

No que diz respeito a mobilidade diária (de um município a outro) em razão da vida estudantil, Lobato (2021) explica que esta mobilidade envolve um investimento pessoal e profissional que provoca mudanças subjetivas, modificando e ressignificando sua relação com o lugar. Nas palavras de Lobato (2021, p. 80), “o movimento [...]carrega consigo os sentidos, o peso e a

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/09/2025 | aceito: 09/09/2025 | publicação: 11/09/2025

experiência produzida e vivida nos espaços. A mobilidade dos estudantes não é, pois, um fluxo linear, mas, sim, uma mobilidade permeada de negociações”. Logo, compreender essa mobilidade geográfica diária ultrapassa a ideia de deslocamento de um ponto a outro, para entender a superação em prol de um projeto estudantil e de vida.

3. A CONSTRUÇÃO DE SI COMO ESTUDANTE

Violeta, uma jovem de 20 e poucos anos, residente na cidade de Cajueiro, a aproximadamente 1 hora e 30 minutos de Maceió, casada e professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, atendeu prontamente ao convite para participar do estudo. Ativa em seu cotidiano acadêmico anterior à pandemia de covid-19, a jovem partilhou suas inquietações do presente pandêmico de forma mais aprofundada, ao contrário das memórias passadas. Por outro lado, quando estas emergiram, se enunciaram saudosamente, ao mesmo tempo, como tentativa de assimilar as mudanças decorrentes do cenário epidemiológico que a conduziu para outro rumo: a maternidade.

Violeta estudava o sétimo período, quando as atividades no Campus A. C. Simões (UFAL) foram suspensas, em 2020. A Pedagogia não foi o seu primeiro curso de graduação, tendo estudado Letras na mesma instituição. Contudo a jovem afirma:

[...] eu posso dizer que hoje eu sou outra depois da Pedagogia, eu não sei que curso é esse, mas eu me sinto diferente, eu tenho outra visão da educação, eu entrei em Letras, mas eu não consegui sair com o olhar que eu tenho hoje. Eu consigo enxergar coisas que muitas pessoas não conseguem enxergar devido à minha formação lá no CEDU (VIOLETA, 2021).

Na vastidão de sua narrativa, as experiências marcantes: “eu sou outra depois da Pedagogia: aprendi a me expressar e me colocar, não tenho mais medo de falar em público”, “meu sonho é fazer mestrado e doutorado, mas com a pandemia eu paralisei”, “

dormi em um posto policial, porque o ônibus não foi buscar os estudantes”. Em se tratando da mobilidade diária, durante o curso de Letras o deslocamento foi desafiador, uma vez que a jovem se deslocava para a capital do estado, Maceió, na companhia de seus pais. Ela precisou aprender a lidar com horários, a se localizar e sobretudo enfrentar os obstáculos dos transportes cedidos pela prefeitura de sua cidade natal, que conduziam os /as estudantes até a UFAL. Na pedagogia, o deslocamento não impactou na mesma proporção, devido acúmulo de suas experiências. Porém a jovem pontuou a exaustão física e o tempo limitado em participar das ações acadêmicas, por depender em muitos casos dos ônibus da prefeitura.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/09/2025 | aceito: 09/09/2025 | publicação: 11/09/2025

Além destas, também se sobressaíram suas participações em pesquisa e congressos, enquanto contexto de enriquecimento cultural e desenvolvimento de sua autonomia. Do mesmo modo, citou os vínculos de amizade construídos na universidade e as mudanças em seu projeto de vida com a pandemia. Neste último caso, Violeta decide durante 2020, em acordo com seu esposo, pela maternidade, adiando seu ingresso no mestrado. Violeta, veementemente compartilhava a angústia em não dar conta de tanta coisa: ser mãe, estudante universitária e professora: Como eu estou grávida, eu não estou tendo disposição para nada. Eu me sinto limitada. E eu também fico muito envergonhada, porque eu não estou assistindo às aulas, porque é pela tarde, e nem fazendo as atividades, então é bem provável que eu fique suja para o mestrado que eu tanto almejo. É como eu já disse antes, eu me sinto paralisada, tanto no trabalho como na universidade (VIOLETA, 2021).

O receio de Violeta, coloca em debate que o modo como cada jovem decide conduzir sua vida profissional na interface com sua vida pessoal deve ser respeitado, cabendo à sociedade em suas instituições reguladoras, como o caso da universidade, colaborar para a permanência delas. Um projeto profissional não deve ser jamais negociado, ao contrário disso, a luta pela qualidade do tempo de trabalho, estudo e outros deve persistir. Louro diz que (1997, p, 23), a priori, o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos.

Doravante, suas narrativas pontuaram um discurso avaliativo e descritivo de si, que significa a forma de compreensão e estruturação da experiência narrada. O discurso avaliativo de Violeta sobre suas transformações, pesando a escolha da maternidade durante a conclusão do curso, refletiu o que Delory-Momberger (2008, p. 533) chama de agir arriscado, quando

“o indivíduo busca conciliar opções de trabalho e interesses ou talentos pessoais”.

Violeta apresentou a universidade como lugar de aprimoramento intelectual, mas, sobretudo, de ampliação da sua capacidade de sair e desbravar um mundo para além de sua cidade natal. Dessa forma, os motivos recorrentes apresentados são: ampliar os horizontes em relação aos estudos e à identidade profissional, ingressando no mestrado e no doutorado; passar em um concurso público; por último e não menos importante, ser uma das primeiras de sua família a ingressar na universidade federal. Na Pedagogia, sua construção enquanto estudante ganhou contornos institucionais e principalmente subjetivos, utilizando os saberes epistêmicos para desenvolver uma postura autoconfiante sobre os cenários sociais que a cercam. Violeta se aproxima do que Pineau (2006, p. 64) salienta: “Esse processo corresponde a uma dupla apropriação do poder de formação; é tomar em mãos este poder — tonar-se sujeito. Mas é também aplicá-lo a si: tonar-se objeto de formação para si”.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/09/2025 | aceito: 09/09/2025 | publicação: 11/09/2025

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compartilhar os apontamentos finais do trabalho, trago uma citação de Boff (1998, p. 9) a respeito da riqueza dos estudos sobre a vida e a valorização da singularidade:

“Cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto, porque cada um lê e relê com os olhos que tem, porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita”.

Sabe-se que a formação acadêmica envolve dimensões objetivas que podem provocar modos diferentes de interpretar a vida estudantil por parte de quem está vivenciando o processo. No caso das jovens em mobilidade geográfica diária, a pesquisa constatou, por meio do questionário, que o deslocamento de uma cidade à outra significou bastante tempo de suas vidas. Os períodos chuvosos e a quebra dos transportes acentuaram os atrasos nas aulas, o nível de ansiedade das jovens e o tempo prolongado de espera para o retorno às suas residências. Junto ao deslocamento, as dificuldades econômicas, a família, os filhos, o trabalho, as limitações escolares, as sensações de medo na mobilidade por violência ou assédio interferiram no cotidiano acadêmico, com poucas horas para vivenciá-lo na interface entre o ensino, pesquisa e extensão; ou não o vivenciar.

Na condição de ser estudante, jovem e mulher em mobilidade geográfica diária, as respondentes do questionário quanto às narrativas das três participantes acentuaram os desafios, ressignificando-os e construindo sentidos ao processo estudantil na universidade e na Pedagogia, por meio dos seguintes aprendizados evidenciados: intelectuais (domínio de conteúdos, formas avaliativas, repertório linguístico, participação de pesquisa, extensão e eventos), institucional (saber as regras e as demandas extracurriculares do curso, solicitar informações na secretaria do curso, saber realizar a matrícula semestralmente, ou inscrever-se em eventos acadêmicos) e, por fim, subjetivos, que responde ao modo como as estudantes interpretam esse contexto na relação com sua vida pessoal e seus projetos profissionais.

Entre os sentidos comuns, encontrei: a mobilidade como desafio superado por motivações pessoais, a universidade como mediadora da transformação de suas realidades enquanto mulheres, conotando a importância do curso de Pedagogia para uma formação crítica sobre a sociedade e o papel da educação. Além desses, a conquista do Ensino Superior se mostrou como exemplo para suas famílias, mobilizando outras/os no ingresso na universidade. Do mesmo modo, o curso apresentou sentidos de sociabilidade, e por meio dele construíram amizades e a percepção das próprias capacidades intelectuais e de autonomia, ao tomarem as rédeas de suas vidas e aprenderem a se posicionar diante de situações de conflitos (seja dentro, seja fora da universidade), vislumbrar horizontes para além de suas pequenas cidades.

Conforme as análises dos achados da pesquisa, defendo a tese de que as jovens vivenciaram conflitos similares quanto à mobilidade geográfica diária e o engajamento com o curso, produzindo



Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/09/2025 | aceito: 09/09/2025 | publicação: 11/09/2025

sentidos que se aproximam do processo de ser estudante. Porém, cada jovem estudante enfrenta singularmente os desafios em sua afiliação acadêmica, que se apresentaram para além da mobilidade, tendo interferências nas estruturas sociais e culturais, nas oportunidades de engajamento em atividades significativas e nas demandas existenciais de ser mulher.

Assim, os referenciais narrativos biográficos, como modo de fazer pesquisa, permitiram, ao mesmo tempo, concluir que a preocupação das análises deve focalizar os sentidos atribuídos à experiência educativa, já que não é possível ter acesso direto ao vivido. Considera-se, ainda, que a integração de contextos biográficos nas matrizes curriculares dos cursos de formação docente, especialmente na Pedagogia, pode ser uma alternativa para desmistificar o enraizamento histórico da ideia salvacionista e romantizada da mulher docente na Educação e para problematizar as condições nas quais essa formação ocorre.

5. REFERÊNCIAS

COULON, Alain. A condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na universitária. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Y8zKhQs4W7NYgbCtzYRP4Tb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2024.

CHARLOT, B. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto alegre: Artmed, 2000.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção do saber compartilhada de um saber singular. Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica, [s.l.], v.1, n. 1, p. 133-147, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 6 ago. 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. EDUFRN. São Paulo: Paulus, 2008.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 07/09/2025 | aceito: 09/09/2025 | publicação: 11/09/2025

LOBATO, Luna. Estudantes em mobilidade: jornadas de ingressantes no curso de Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Campus Montes Claros, 2009-2018. 202. (Dissertação) 159f. Programa de Mestrado Associado em Sociedade, Ambiente e Território da Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Estadual de Montes Claros. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/39395/1/Estudantes%20em%20mobilidade%20jornadas%20de%20ingressantes%20no%20curso%20de%20Administra%20c3%a7%20c3%a3o%20da%20Universidade%20Federal%20de%20Minas%20Gerais%20c%20Campus%20Montes%20Claros%20c%2009-2018.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2023.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnfrS48HYbhxw/abstract/?lang=pt>. Acesso em 18 fev.2024.

REIS, Rosemeire. Pesquisa biográfica e heterobiografização: fonte de aprendizagem para o/a pesquisador/a. Revista Portuguesa de Educação, [s.l.], n. 33, p. 295-309, 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/19748>. Acesso em: 15 set. 2023.

SCHÜTZE F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: Weller V, Pfaff N. Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Petrópolis (RJ): Vozes; 2010. p. 211-22. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Vn5rJdvr33VbpmMq6jjqkZC/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2024.